

LINGUAGENS E LETRAMENTOS

Licenciatura Intercultural



LINGUAGENS E LETRAMENTOS
Licenciatura Intercultural

Editores: Mônica Cidele da Cruz
Isaías Munis Batista
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Capa: Mandala “Releitura da pintura corporal da etnia Paresi”, de autoria da artista plástica: Judite Malaquias

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Gráfica e Editora Sanches Ltda

CONSELHO EDITORIAL

Adailton Alves da Silva - UNEMAT
Angel Corbera Mori - UNICAMP
Antônio Malheiros – UNEMAT
Carlos Edinei de Oliveira - UNEMAT
Eunice Dias de Paula - SEDUC/CIMI
Jaime José Zitkoski – UFRGS
João Severino Filho - UNEMAT
Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira - UNEMAT
Lúcia Helena Alvarez Leite - UFMG
Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT
Maria Aparecida Bergamaschi - UFRGS
Maria Aparecida Rezende - UFMT
Mônica Cidele da Cruz - UNEMAT
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira - UNEMAT

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B864l Brod, Lilian Minikel.
Linguagens e letramento / Lilian Minikel Brod. –
Cáceres: Layout Gráfica, 2021.
39. p. (Licenciatura Intercultural).

ISBN 978-65-00-25123-4

1. Letramento. 2. Letramento, Modelos. 3. Letramento,
Sala de Aula. I. Título.

CDU 81(817.2)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
UNIDADE I	8
Letramento(s)	
UNIDADE II	15
Modelos de letramento	
UNIDADE III	21
EVENTOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO	
UNIDADE IV	29
LETRAMENTO(S) NA SALA DE AULA: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS	
REFERÊNCIAS	34
GLOSSÁRIO	37
BIOGRAFIA DA AUTORA	39

APRESENTAÇÃO

Caro(a) acadêmico(a),

Com entusiasmo e respeito início, com você, o estudo do componente curricular **Linguagens e letramentos**. Neste espaço de diálogo e de construção de conhecimentos, você é convidado(a) a refletir sobre os usos sociais da escrita e de outras linguagens nas diversas situações de interação das quais participa, especialmente no contexto escolar.

Este Caderno está organizado em quatro unidades. Na **Unidade I** estudaremos a respeito de letramento(s) como práticas plurais. Conheceremos o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento na **Unidade II** com o objetivo de refletir sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna.

Na **Unidade III** mobilizaremos as noções de evento e prática de letramento para compreender, mais detalhadamente, as diversas situações de interação por meio das múltiplas linguagens (verbal, visual, gestual, sonora) e seus valores nos contextos em que se realizam. A **Unidade IV** fecha este Caderno, mas abre espaço para você propor uma atividade com base nos conhecimentos construídos durante este percurso e na sua vivência.

Ao longo deste texto, atividades são propostas com o objetivo de dialogar com você e motivá-lo(a) a pensar sobre o ensino e a aprendizagem por meio das discussões sugeridas. Os vocábulos em itálico poderão ser consultados no **Glossário**, disponível no final deste Caderno.

Este Caderno Pedagógico chega até você na modalidade Ensino Remoto Específico – uma forma outra de dialogar: agora, por meio do material escrito. Nesta modalidade, você é responsável por organizar seu tempo para leituras, pesquisas e atividades, com orientação do(a) professor(a) por meio dos recursos digitais disponíveis (whatsapp, Facebook, etc.). Diferente das etapas presenciais, esta alternativa atende a situação atual de pandemia

Covid-19 que exige distanciamento e isolamento social.

Com um forte abraço, desejo que você siga confiante nos caminhos desta área. Bom estudo!

Lilian Minikel Brod

Caminho de rio

Márcia Wayna Kambeba

Caminho de rio, caminho de rio.
Desliza macio, caminho de rio.

A floresta canta sem parar,
Louvando o rio a passar,
As folhas caem para olhar,
O velho sonhador que se arrasta
para o mar.
Caminho de rio

O calor do verão quer te queimar.
Caminho de rio.
A força da piracema vai enfrentar.
Caminho de rio.

Molha o boto devagar.
Caminho de rio.
Me ensinou a mergulhar.
Caminho de rio

Sem intervalo e nem parada,
Derruba barrancos e galhadas,
São sedimentos dessa jornada,
Que constrói e desconstrói nossa
estrada.

Caminho de rio, caminho de rio.
Desliza macio, caminho de rio.

UNIDADE I Letramento(s)

“[...] a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (Freire, 2011, p.29)

Nesta primeira unidade, vamos estudar um assunto central para este Caderno: Letramento(s). Veremos que letramento está muito além do aprender a ler e a escrever, e oferece possibilidades outras como compreender, interpretar, questionar, relacionar, elaborar, dizer. À medida que avançamos na compreensão deste assunto, você perceberá que os estudos sobre letramento(s) também evoluíram e incorporaram significados mais amplos.

Para iniciar nossa conversa sobre letramento, vamos conhecer o poema da escritora indígena Graça Graúna (2007, p.24):

Saúdo as minhas irmãs
de suor, papel e tinta
fiandeiras
guardiãs
tecendo o embalo da
rede
rubra ou lilás
no mar da palavra
escrita voraz

Saúdo as minhas irmãs
fiandeiras
tecelãs
cantando a uma só voz
o que nós sonhamos
o que nós plantamos
no tempo em que a

noSSa VOZ era só silêncio

Como você sabe, a leitura está no campo do sujeito – muitas serão as interpretações do poema sugerido a partir do(s) mundo(s) de cada um. Pensando nisso,

Na sua opinião, quem são as mulheres celebradas no poema?

O que a comparação entre a atividade de tecer a rede e a escrita da palavra sugere para você?

De acordo com sua vivência em sua comunidade na aldeia e a partir da leitura do poema, o que foi 'sonhado e plantado' e agora é 'cantado'?

Por meio da leitura do poema, somos convidados a sentir. Sensações e sentimentos são provocados pelos ditos e pelos não-ditos no poema: são as experiências individuais que nos atravessam durante a leitura.

Nesse início de conversa já percebemos que **ler** é muito mais que conhecer o sistema de escrita (alfabeto) ou as correspondências entre letras (grafemas) e sons (fonemas), e diz respeito à capacidade de interpretar as ideias expostas e relacioná-las com informações e conhecimentos que já temos para construir ou ressignificar os

sentidos do texto. **Escrever**, por sua vez, ultrapassa o domínio da ortografia ou da pontuação, e envolve outras habilidades como pesquisar sobre um assunto, organizar as informações em um texto, elaborar adequadamente as relações entre as ideias, ...

Esta breve discussão também sinaliza que leitura e escrita como práticas sociais que assegurem o exercício pleno da cidadania estão além da alfabetização e do alfabetismo, e implicam a noção de letramento. **Inicialmente**, entendemos **letramento como a participação e atuação dos sujeitos em práticas sociais mediadas pela leitura e pela escrita em diferentes espaços, com diferentes objetivos e diferentes níveis de escolarização**. O que seriam práticas sociais mediadas pela leitura e pela escrita? Toda e qualquer interação realizada, por exemplo, por meio de um bilhete, um e-mail, uma carta endereçada às autoridades, um manifesto, uma narrativa mitológica, um trabalho de conclusão de curso de graduação, etc.

Embora tenham surgido na década de 1980, os estudos sobre letramento são recentes na Ciência sobre a Linguagem e o desenvolvimento das pesquisas levou a novos entendimentos sobre o assunto. As professoras Ângela Kleiman (1995) e Magda Soares (2018, s.p.) definem **letramento como os usos sociais e culturais que as pessoas fazem da linguagem escrita em seus cotidianos e os efeitos dessas práticas em suas vidas**. Note que as autoras se referem a qualquer interação social por meio da escrita como, por exemplo, uma conversa sobre uma notícia que lemos ou uma mensagem de texto enviada por aplicativo de celular. Para compreender melhor essa definição, vamos analisar o exemplo de uma rádio digital:

Figura 1: Rádio indígena virtual



Fonte: Rádio digital Yandê.

Você já conhece a Rádio Yandê? Acesse a página <https://radioyande.com> e participe da discussão:

O que você sabe sobre a Rádio Yandê?

Na sua opinião, quais são as contribuições da rádio *online* para os povos indígenas?

Ao acessar a Rádio Yandê, de quais práticas de linguagem você participa (ouvir música, ...)?

Dessas perguntas compreendemos que os resultados das práticas de linguagem podem ser diferentes em um contexto indígena e em um contexto não-indígena: quem acessa, por quê acessa, o que lê, como lê, ... Também entendemos que **letramento**

carrega a ideia de que as práticas de escrita e de oralidade (e outras linguagens) das quais participamos trazem **consequências sociais, culturais, políticas e econômicas para o grupo ou a comunidade da qual fazemos parte**. Não se limita, portanto, a aprendizagem do ler e do escrever, mas como leitura e escrita impactam e modificam nossa vida ou a vida da nossa comunidade (SOARES, 2018, s.p.) e privilegiam o exercício pleno da cidadania nos contornos local e mais amplo.

Significa que cada grupo ou sociedade determina/escolhe os usos da leitura e da escrita – práticas consideradas importantes ou vitais para um grupo podem não o ser para outro porque os contextos, as comunidades e as culturas são variadas. Sobre isso, podemos refletir:

Quais são as práticas de linguagem valorizadas em sua aldeia?

É por conta dessa diversidade de práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita ‘de uma ou de outra maneira’ que podemos falar em **letramentos como práticas plurais**: letramento escolar, letramento literário, letramento digital, letramento acadêmico, etc. Ao acessar a Rádio Yandê, por exemplo, podemos desenvolver o letramento indígena ao conhecer questões prioritárias para os diferentes povos, ler notícias e acompanhar discussões; bem como, o letramento digital ao nos apropriar dos vários recursos disponíveis na plataforma.

Figura 2: Letramento escolar na Aldeia Perigara, Etnia Bororo, MT.



Fonte: Acervo pessoal de Graziela Tuopado.

As práticas de linguagem, no entanto, não são fixas, mas podem ser continuamente modificadas para atender os interesses da sociedade nos vários contextos em que estão inseridas. O desenvolvimento tecnológico, as mídias digitais, a mobilidade social e a diversidade étnica impactaram e impactam os textos que lemos e produzimos. Esses textos não se restringem mais à linguagem verbal, mas combinam outras linguagens: oralidade e escrita se misturam agora com imagens estáticas (fotografias, ilustrações, pinturas, gravuras), com imagens em movimento (vídeo) e com sons (músicas).

Ao acessar a Rádio Yandê, você notou essa ‘combinação’? Artigos de opinião, vídeos, debates, boletins informativos, entrevistas, imagens em movimento e, claro, música! Linguagem verbal (oral e escrita) e linguagens visual, gestual e sonora podem combinar-se em diferentes gêneros textuais: em uma entrevista, por exemplo, estão presentes a imagem de divulgação com informações sobre a data, horário e participantes da entrevista; o som de abertura da entrevista; a escrita por meio do roteiro de perguntas e a oralidade.

A presença de múltiplas linguagens em um texto, chamada de **multimodalidade**, é possível porque novas tecnologias e ferramentas de leitura e escrita estão disponíveis aos leitores e usuários. Os **textos multimodais** se organizam, então, por meio do arranjo entre oralidade e escrita, imagem estática, imagem em movimento e som, e essas diferentes materialidades provocam mudanças nas maneiras de produzir textos, de ler e de construir significados e, conseqüentemente, geram novos *gêneros discursivos como post, meme, etc.* (ROJO e MOURA, 2019). A multimodalidade expande nosso entendimento sobre letramento ao contemplar outras linguagens além da verbal, como a visual, a gestual e a sonora.

UNIDADE II

Modelos de letramento

“[...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos.”
(Freire, 2011, p.29)

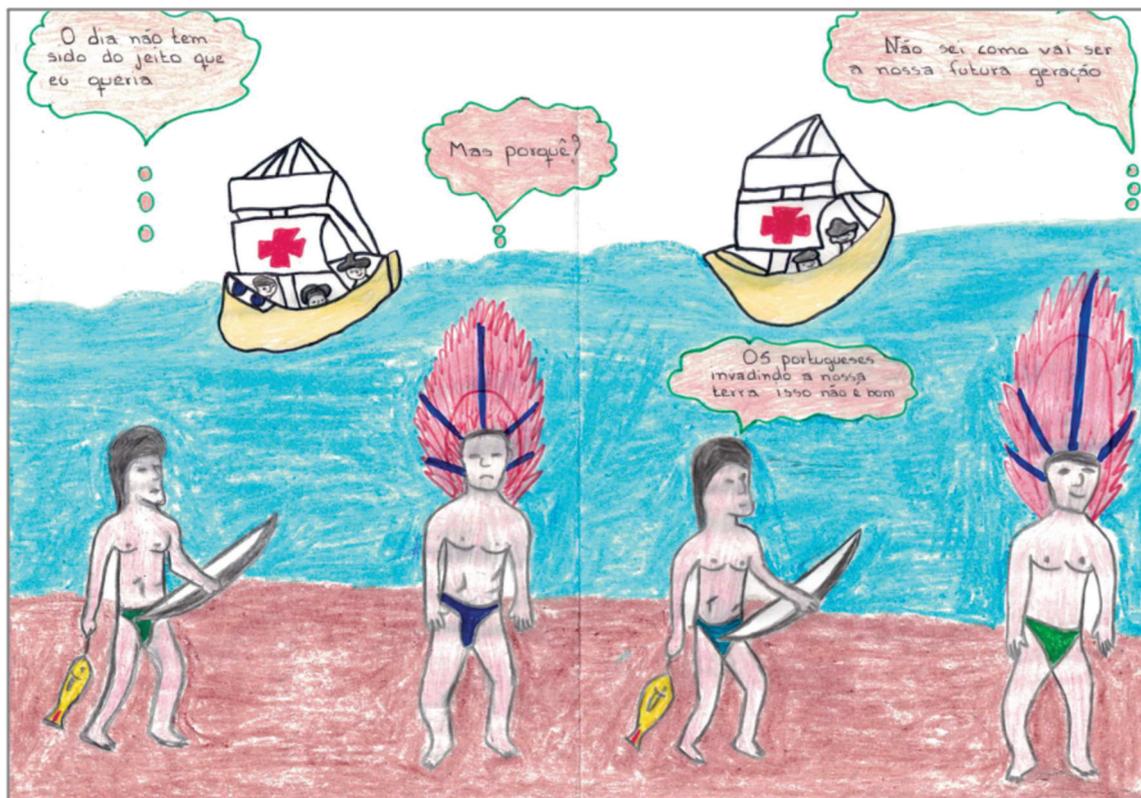
Na Unidade I, vimos que letramento é uma prática social: “[...] é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais.” (SOARES, 2018, s.p.). Nesta Unidade, conheceremos os desdobramentos do letramento: o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento. Compreender esses caminhos é importante para refletir sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna.

Começaremos nosso estudo pelo **modelo autônomo de letramento** e, para melhor entendê-lo, você é convidado(a) a ler o texto no gênero tira humorística de autoria da acadêmica Aurilene Merimakudago Amema apresentado na página seguinte e responder as questões propostas aqui:

Quem são os personagens?

Em que momento acontece a cena representada na tira?

Quem está invadindo a terra?



Fonte: Acadêmica Aurilene Merimakudago Amema

Note que as perguntas propostas dizem respeito aos aspectos estruturais e formais do texto, mas não contribuem para refletir sobre o acontecimento, as motivações e as justificativas, as consequências, as diferentes versões da história contada. Perguntas centradas na estrutura do texto estão relacionadas com concepções tradicionais de ensino e de aprendizagem como expressão do pensamento e instrumento de comunicação¹.

O **modelo autônomo de letramento** aproxima-se bastante dessas concepções, pois entende a escrita como uma atividade neutra, completa em si e separada do contexto de produção. Importa, aqui, apropriar-se da escrita como uma habilidade técnica e alfabetizar o(a) aluno(a) sem levar em consideração o contexto social, econômico, cultural e histórico em que ele/ela está inserido(a).

Neste sentido, a leitura e a interpretação do texto são igualmente cristalizadas e dependeriam apenas da organização

¹ Para saber mais sobre concepções de linguagem, consulte o Caderno Pedagógico Gramática, Texto e Ensino (CRUZ e BATISTA, 2020).

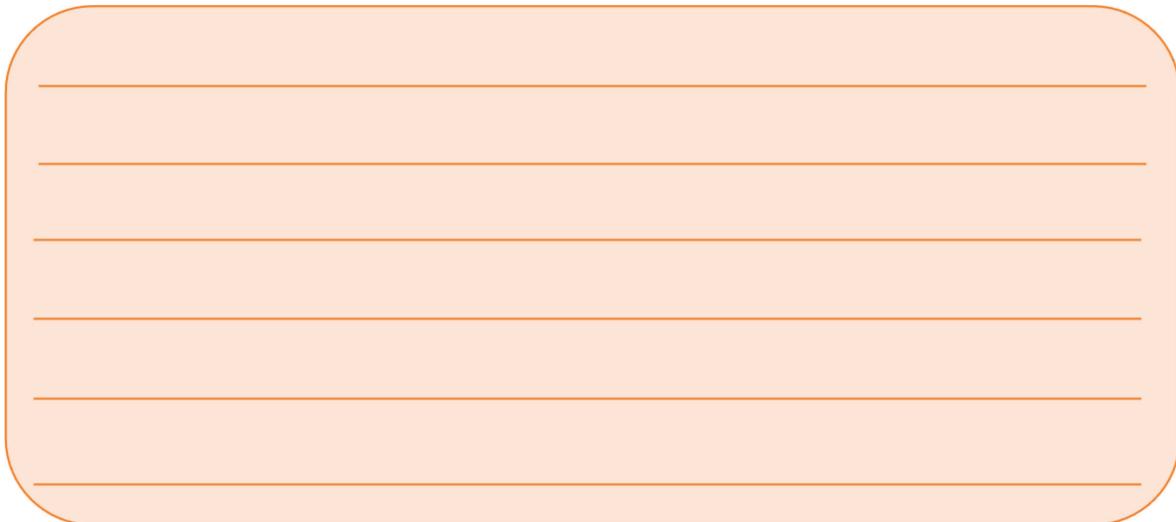
interna do texto (KLEIMAN, 1995). Leitura e escrita seriam, assim, qualidades funcionais, isto é, habilidades necessárias para atender as demandas cotidianas e transitar com segurança por situações nas quais essas competências são exigidas como, por exemplo, ler e preencher um formulário.

Alguns estudiosos (STREET 1984; KLEIMAN, 1995; SOARES, 2018), no entanto, chamam nossa atenção para a “crença” equivocada de que o domínio dessas habilidades seria garantia suficiente para o desenvolvimento intelectual e econômico, progresso profissional e mobilidade social. E alertam para as consequências do letramento acontecer somente por uma via (domínio funcional das competências em leitura e escrita): separação entre oralidade e escrita ; supervalorização da escrita e de sociedades grafocêntricas em prejuízo de sociedades de culturas orais ou grupos minoritários.

Por outro lado, no **modelo ideológico de letramento**, além das habilidades técnicas, leitura e escrita são práticas de natureza social, leitor(a) e autor(a) carregam na experiência de ler e de escrever suas vivências, conhecimentos, ancestralidades, cosmovisões (KLEIMAN, 1995; STREET, 2020[1995]). Leitura e escrita ganham, então, significados nos contextos sociais em que a criança, o jovem, o adulto e o ancião estão envolvidos e dos quais fazem parte. Considerando o contexto social e cultural de seus(suas) alunos(as),

Elabore duas perguntas para a tira humorística (p.13)

Todo questionamento é proposto de acordo com objetivo(s). Pensando sobre isso, o que você professor(a) espera que seus(suas) alunos(as) respondam nas perguntas que você elaborou? Comente:



Neste entendimento, o contexto é constitutivo da maneira como o indivíduo lida com a leitura e a escrita e com outras linguagens. Práticas cotidianas de linguagem estão vinculadas ao(s) mundo(s) dos sujeitos, sua história, sua cultura, sua organização política, econômica e social. Por esta razão, cada sociedade ou grupo social comporta-se de maneira diferente diante das práticas de linguagem e atribui a elas valores distintos.

Diferente de sociedades massivamente centradas na escrita como a comunidade envolvente/dominante, as sociedades indígenas são, tradicionalmente, fundadas na oralidade, a exemplo de práticas interacionais como rituais, festas, cultivos, entre outras. **O modelo ideológico mostra-se, então, mais sensível às especificidades culturais das práticas de letramento porque estas variam de um contexto ao outro.** Disso decorre que as práticas de linguagem entre grupos social e culturalmente diferentes variam, assim como variam os valores atribuídos a essas práticas, como, onde e quando acontecem, e quem delas participa. Considerando, então, a participação nos tempos (rituais, cultivos, festas, etc.), podemos refletir sobre como letramentos fundamentados na oralidade podem mediar ou vir a ser mediados por práticas de

linguagem escrita. Para a discussão a seguir, observe a Figura 3:

Figura 3: Alunos Kawaiwete/Kayabi, Aldeia Tatuí, MT.



Fonte: Acervo pessoal de Raquel Sirajup

UNIDADE III

EVENTOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

“Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo[...].”

(Freire, 2018, p.37)

Nesta unidade, seguimos nosso estudo sobre letramento(s) e avançamos para compreender, mais detalhadamente, as diversas situações de interação por meio das múltiplas linguagens (verbal, visual, gestual, sonora) e seus valores nos contextos em que se realizam. Para iniciar essa conversa, conheça o mito de origem dos alimentos do povo Chiquitano de autoria dos acadêmicos Edmundo Nicolau Chuê Muquissai e Gonçalo Arildo Muquiçai Chue (2019):

Origem dos alimentos para o povo Chiquitano

Edmundo Nicolau Chuê Muquissai

Gonçalo Arildo Muquiçai Chue

Um casal tinha sete filhos. Estavam passando por grandes necessidades, não tinham o que comer, o homem não dava conta de sustentar a família.

Então ele pensou consigo o que poderia fazer para solucionar o problema, foi onde ele teve uma ideia, resolveu sacrificar a própria vida e assim, saciar a fome dos filhos e sua esposa.

Decidido, ele saiu no meio da mata, em um espaço não muito grande, limpou e queimou aquele local, preparando para fazer uma roça.

Quando voltou para casa, ele falou para sua mulher que ia se matar e que era para ela o enterrar no local que ele tinha limpado no meio da mata e disse para ela voltar no local depois de sete dias. E assim o fez.

A mulher dele o enterrou e voltou para a casa. Passados os sete dias, ela foi novamente ao local para ver o que tinha acontecido. Chegando lá, ela encontrou uma diversidade de alimentos que não havia antes.

Os alimentos que ela encontrou foram formados pelas partes do corpo do seu esposo.

A cabeça virou melancia, o braço virou mandioca e banana, os olhos viraram amendoim...

A partir daí, a família teve alimentos com fartura e nunca mais passaram fome.

para o grupo – este é um evento de letramento digital.

Figura 4: Sala anexa Caiçara, Povo Kawaiwete/Xingu, MT.



Fonte: Acervo pessoal de Awakatu Kayabi.

Entendemos que um **evento de letramento é toda e qualquer oportunidade em que a escrita é constitutiva da interação entre as pessoas**. Já sabemos, no entanto, que a linguagem verbal pode combinar-se com outras linguagens em textos multimodais, certo? Assim, a pesquisa, a escrita, a leitura e a ilustração de um mito de origem por alunos(as) indígenas pode ser o ponto de partida para a produção de um vídeo sobre esta narrativa. Você tem outra sugestão? Comente:

Ao observar esses eventos, podemos identificar e descrever as características dessas atividades como, por exemplo, quem participa, qual é a atividade, qual é o papel de cada participante, etc. Podemos também olhar com mais atenção para compreender os valores sociais e culturais atribuídos a esses eventos nos contextos em que ocorrem – neste caso, analisamos as **práticas de letramento**.

Todo evento de letramento carrega, assim, especificidades que compõem a natureza social e cultural, histórica, econômica e política sobre a qual o evento se institui. Retomando o exemplo proposto sobre o mito de origem,

Por que é importante para o jovem indígena conhecer as narrativas de seu povo?

As **práticas de letramento** distanciam-se, então, “[...] do contexto imediato em que os eventos ocorrem, para situá-los e interpretá-los em contextos institucionais e culturais a partir dos quais os participantes atribuem significados à escrita e à leitura, e aos eventos de que participam.” (STREET e CASTANHEIRA, s.p.). As práticas de letramento dizem respeito à natureza social, cultural, histórica e política do evento de letramento. Para compreender melhor essa relação entre práticas de letramento e eventos de letramento, vamos fazer um exercício de análise:

Situação A

Você está na sua aldeia e participa ativamente das atividades. Como você descreve este espaço (estrutura, escola, etc.)?

Agora, reflita sobre a próxima situação e responda às questões:

Situação B

Agora, você está longe da sua aldeia há bastante tempo. Você já não é capaz de descrever com detalhes o espaço físico que a compõe, mas você guarda conhecimentos que identificam sua comunidade: Quais são os valores ensinados e compartilhados? Quem são os responsáveis por transmiti-los?

A partir de suas respostas, vamos analisar as duas situações e ver o que elas nos dizem sobre evento e prática de letramento. Na **Situação A**, você descreveu com detalhes o espaço físico da aldeia: estrutura, população, etc. É dessa maneira que olhamos para o **evento de letramento** e consideramos quem participa da

prática de linguagem; quando e onde acontece, o que leem e/ou escrevem; como leem, escrevem, conversam ou interagem por meio do texto (verbal ou não verbal).

Na **Situação B**, você relatou os valores sociais, históricos, culturais, ..., de seu povo. Esses valores incidem, de alguma maneira, sobre as práticas de linguagem ao atribuir significados distintos e determinar aquelas que são mais ou menos valorizadas na sua comunidade. A **prática de letramento** compreende esse contexto mais amplo, e igualmente profundo, de natureza social, cultural, histórica, política e econômica em que os eventos de letramento acontecem e incorpora, além do evento em si, os valores socialmente construídos que sustentam esses eventos.

Eventos são, então, atividades específicas em que leitura e escrita têm uma função – são momentos ou episódios que podemos observar. Ao analisar o evento de letramento por si só, de maneira isolada, podemos identificar e descrever as características dessas situações, mas não somos capazes de reconhecer e compreender os sentidos e significados sociais e culturais construídos por meio desses eventos. Daí a importância de considerá-los nas práticas de letramento, uma vez que estas envolvem valores, atitudes, crenças, sentimentos, identidades e relações sociais (Barton, Hamilton e Ivanic, 2000; Street, 2020 [1995]).

Disso decorre que as práticas de linguagem são **situadas** (locais) e, também, **globais**. Assim, a leitura de uma obra literária indígena pode ganhar significados diferentes a depender do entorno sociocultural (local) onde acontece: se na aldeia Umutina em Mato Grosso ou no povo Nawa no Acre, o mesmo texto será lido por diferentes sujeitos, com objetivos distintos e com modos de ler diversos (KLEIMAN, 2005). Ao mesmo tempo, ler literatura indígena faz parte de um processo social mais amplo (global) de identidade, fortalecimento, reconhecimento e voz.

Figura 5: Alunos(as) Kawaiwete/Kayabi em celebração na Aldeia Tatuí, MT.



Fonte: Acervo pessoal de Raquel Sirajup

Compreendemos que letramentos são situados em diferentes espaços e em diferentes tempos, e são parte de práticas sociais globais como esclarecem os pesquisadores Barton, Hamilton e Ivancic (2000, p.1, tradução livre), “Letramentos são situados. Todos os usos da linguagem escrita podem ser vistos como localizados em determinadas épocas e lugares. Da mesma forma, toda atividade de letramento é indicativa de práticas sociais mais amplas”.

Por meio de uma pedagogia crítica e sensível, as práticas de linguagem oral e escrita (e outras linguagens) podem ganhar significados nos contextos em que acontecem. Quais práticas de

linguagem? Quais significados? Cada povo tem autonomia para decidir.

Comente aqui esses questionamentos considerando seu povo, sua cultura, sua história, sua ancestralidade, sua cosmovisão...

UNIDADE IV LETRAMENTO(S) NA SALA DE AULA: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

“Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções.” (Freire, 2018, p.38)

Figura 5: Aluno na Escola Estadual Indígena Krixi Barompo, Aldeia Nova Munduruku, TI Apiaka/Kayabi, MT.



Fonte: Acervo pessoal de Jozino Sau Burum Munduruku

Nosso estudo sobre letramento(s) consolida-se nesta unidade. Neste espaço, dialogaremos sobre os conhecimentos construídos e sua relação com o fazer pedagógico: o ensino e a aprendizagem em sala de aula. Para isso, nos amparamos no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998) que tem como objetivo orientar o trabalho do professor na educação indígena.

Até aqui, já compreendemos que letramento(s) são plurais e estão relacionados com os usos sociais da escrita e da oralidade em situações de interação. Entendemos também que linguagem

verbal pode combinar-se outras linguagens, abrindo espaço para textos multimodais de diferentes gêneros e disponíveis em diferentes suportes (site, rede social, ...). É importante lembrar que letramento(s) diz respeito às atividades de leitura e escrita (e outras linguagens) em seus sentidos mais amplos e mais profundos porque, como diz Paulo Freire, nos dá a possibilidade de **ler o mundo** por meio, também, da leitura da palavra.

Podemos refletir, então, sobre as diversas atividades que desenvolvemos e podemos desenvolver com os(as) alunos(as) por meio de uma experiência significativa de construção de novos conhecimentos e de fortalecimento, prestígio, manutenção e revitalização de conhecimentos ancestrais: “Assim se relacionam os conhecimentos das áreas de estudos aos conhecimentos desenvolvidos e acumulados por muitas gerações no cotidiano dos povos indígenas, naquele contexto e naquele momento.” (BRASIL, 1998, p.61).

Em nosso percurso, vimos também que os eventos de letramento, isto é, toda atividade mediada pelos textos escritos, orais ou multimodais, podem ser observados em suas especificidades: quem participa; o quê, como, onde, quando e por quê escreve (ou lê). Podemos dimensionar os valores atribuídos a esses eventos e entender o ‘lugar’ que ocupam no cotidiano das pessoas na aldeia e, em especial das crianças indígenas, considerando as singularidades sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas dos contextos em que esses eventos acontecem: “O conhecimento escolar volta-se para pensar as questões mais significativas para os alunos indígenas e sua comunidade, naquele dado momento em que é veiculado.” (BRASIL, 1998, p.62).

Com base nessa breve discussão, alguns questionamentos podem nos ajudar na reflexão sobre o fazer pedagógico e no planejamento das atividades com textos escritos, orais ou multimodais de diferentes gêneros discursivos:

- O quê?

Qual é a atividade

- Para quê?

A importância da atividade

- Por quê?

O objetivo da atividade

- Gênero discursivo

Gênero literário (poema, narrativa, história em quadrinho, etc.), gênero jornalístico (notícia, reportagem, artigo de opinião, etc.), gênero regulador (panfleto, folheto informativo, etc.), entre outros.

- Para quem?

6º, 7º, 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental

- Espaço

Local onde a atividade será desenvolvida

- Recursos

Materiais necessários para desenvolver a atividade

As respostas para essas perguntas são as escolhas que o(a) professor(a) indígena fará a partir da sua vivência e do seu conhecimento, sempre considerando o que é importante e significativo para a criança e/ou o jovem indígena, sua cultura, sua história, seu povo.

Referências

AMEMA, Aurilene Merimakudago. **Tira humorística**. Barra do Bugres, MT, 2020.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ao de ler**: em três artigos que se completam. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo; Paz e Terra, 2018

_____. **Educação e mudança**. 38ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo; Paz e Terra, 2018

GRAÚNA, Graça. **Tear da palavra**. Belo Horizonte, 2007.

GUAJAJARA, Kaê. Território ancestral. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CKkbOdRHYX1/> Acesso em 06 de fevereiro de 2021.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Caminho de rio. In: _____. **O lugar do saber** [recurso eletrônico]. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

KAYABI, Awakatu. **Sala anexa Caiçara, Povo Kawaiwete/Xingu, MT**. 2019. 1 fotografia.

KLEIMAN, Angela B. (org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2ª ed. 2012 (1995).

_____. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a

escrever? [recurso eletrônico] Ministério da Educação. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

MACUXI, Ely. **Poema**. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CKkbOdRHYX1/> Acesso em 04 de fevereiro de 2021

MUQUISSAI, Edmundo Nicolau Chuê; CHUE, Gonçalo Arildo Muquiçai. Origem dos alimentos para o povo Chiquitano. In: CRUZ, M. C.; SOUZA, M. D.; COREZOMAÉ, M. M. **Mitologia indígena: origem dos alimentos**. Barra do Bugres, MT, 2019.

RÁDIO YANDÊ. **Comunicação e etnomídia indígena**. Disponível em <https://radioyande.com> Acesso em 22 de janeiro de 2021.

_____. **Alunos(as) Kawaiwete/Kayabi em celebração na Aldeia Tatuí, MT**. 2019. 1 fotografia

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SIRAJUP, Raquel. **Alunos Kawaiwete/Kayabi, Aldeia Tatuí, MT**. 2019. 1 fotografia

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. [recurso eletrônico] 3ª ed. Autêntica Editora. 2018

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. (trad.) Marcos Bagno. [recurso eletrônico] Parábola Editorial, 1ª ed. (2020).

_____. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2020 (1995). [recurso eletrônico]

STREET, Brian; CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Práticas e eventos de letramento. **Glossário CEALE**. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE). Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/praticas-e-eventos-de-letramento> Acesso em 10/01/2021

TUOPADO, Graziela. **Letramento escolar na Aldeia Perigara, Etnia Bororo, MT**. 2019. 1 fotografia

GLOSSÁRIO

Alfabetização

Aprendizagem do sistema alfabético (grafemas que representam os fonemas) e de suas convenções: a ortografia da língua.

Alfabetismo

Competências e habilidades de leitura (conhecimento de mundo, comparação e localização de informações, levantamento de hipóteses, inferências, conclusões gerais) e de escrita (ortografia, pontuação, concordância, adequação do texto à situação de produção, organização das informações, relações com outros textos).

Gêneros discursivos/gêneros do discurso

São as formas de dizer mais ou menos estáveis nas diferentes áreas e/ou atividades pelas quais circulamos: na aldeia, na universidade, na escola, ... Tudo o que dizemos se materializa em textos escritos, orais ou multimodais, e os textos pertencem a um gênero – é assim que conhecemos os discursos que circulam em um determinado campo social. Por exemplo, por meio dos gêneros acadêmicos como artigo, monografia, relato de experiência, memorial, entre outros, circulam os discursos e posicionamentos científicos.

Sociedades grafocêntricas

Culturas centradas na escrita.

Saiba mais!

Se você tiver interesse, consulte o **Glossário CEALE** – Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. O Glossário é organizado por professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e colaboradores de outras instituições brasileiras e internacionais. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>

BIOGRAFIA DA AUTORA



Lilian Elisa Minikel Brod é mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuou como professora das disciplinas de Fonética e Fonologia do Português, Introdução aos Estudos da Linguagem, Linguística Geral e Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Tem atuado como docente da área Línguas, Artes e Literatura em disciplinas do núcleo comum e específico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) da mesma universidade.



UNEMAT

*Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado*

